

A desvitalização e decomposição dos corpos - a desvitalização dos corpos

The devitalisation and decomposition of bodies - The devitalisation of bodies

Leonardo Leite de Andrade (UNIT) ¹

Mary Barreto Dória ²

Dinamara Garcia Feldens (UFS) ³

Resumo: Uma pequena cartografia do corpo, porém necessária, é o intento do qual se propõe a fazer este artigo. Apresentando linhas, percorrendo caminhos por entre os discursos a respeito do corpo, que corre em nossa contemporaneidade. Buscamos compreender os micropoderes que perpassam por entre o corpo e que o desvitaliza, o rouba, decompõe, estratifica, nesta lógica estruturalista em que nos situamos. Trazemos em nossa caixa de ferramentas: conceitos; principalmente, de dois grandes filósofos da diferença, o Michel Foucault (1926-1984) e o Gilles Deleuze (1925-1995), percorrendo assim toda a estratégia de poder-saber, que percorre neste corpo que é produzido, discutimos também sobre este corpo estratificado na pornografia e na prostituição. Por fim, procuramos assim, provocar linhas mais tênues que escapam a esta lógica. Um devir outro.

Palavras-chave: Corporeidade, Pornografia, Filosofia, Foucault, Deleuze.

Abstract: A small cartography of the body, however necessary, it is the intent of which it claims to do this article. Presenting lines, running paths through the discourses on the body, which runs in the present. We seek to understand the micro-power that pass through the body and the devitalizes, steals, breaks down, stratifies, on this structuralist logic in which we stand. We bring in our toolbox: concepts; mainly of two great philosophers of difference, Michel Foucault (1926-1984) and Gilles Deleuze (1925-1995), covering so the entire strategy of power-knowledge, which runs in this body that is produced, we also discussed on this body stratified in pornography and prostitution. Finally, we tried to thereby cause more tenuous lines that escape this logic. The becoming other.

Keywords: Corporeity, pornography, Philosophy, Foucault, Deleuze.

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Tiradentes. E-mail: leonardoapsico@live.com

² Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes. Professora da rede Municipal de Aracaju.

³ Pós-Doutorado em Filosofia da Educação pela Universidade Complutense de Madrid UCM. Professora da Universidade Federal de Sergipe.

Introdução

A frase da qual tomei por título: "decomposição dos corpos" é um rótulo muito recente e efervescente de nossa contemporaneidade e que, curiosamente, nos sentimos muito orgulhosos disso; este artigo propõe-se de analisar mais sobre este acontecimento, uma breve, porém necessária, cartografia do corpo, sobretudo, desse corpo que é previamente roubado, desestruturado, para posteriormente, realoca-lo, numa composição outra. Neste intento, nos deixamos guiar por uma famosa frase de Henri Bergson (1859-1941) onde ele nos diz sobre a questão de colocar o problema em pauta: "Trata-se, em filosofia ou mesmo alhures, de encontrar o problema e, conseqüentemente, de colocá-lo, mais do que de resolvê-lo. Porque um problema especulativo está resolvido desde que esteja bem colocado" (Roque, 2006; p. 142), percorrendo estas linhas é o que tomamos como 'método', ao invés de mostrar, capturar, ou percorrer resultados e apresentar novos modelos, novas decomposições, procuramos cartografar, percorrer linhas, mostrar como as coisas escapam a si própria, suscitando assim as conseqüências deste modelo de pensamento e de estruturação, modelação de corpos suscitando assim todos os fascículos e micropoderes ou micropolíticas disseminados pelas práticas discursivas de verdade e saber que se engancham, grudam, colam, num corpo, outrora pleno; seguindo assim este 'método' ou pensamento podemos também trazer uma citação do filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995), onde em seu livro *Diferença e Repetição* ele comenta sobre a questão da verdade e problema onde ele nos fala:

Uma solução tem sempre a verdade que merece de acordo com o problema a que ela corresponde; e o problema tem sempre a solução que merece de acordo com sua própria verdade ou falsidade, isto é, de acordo com seu sentido (Deleuze, 1968/1988, p. 229).

Ou seja, ele nos diz que nós temos os problemas que merecemos que foram possíveis/passíveis de acontecimento, nas malhas do espaço-tempo, nas malhas da episteme, malhas do acontecimento e com isto, naturalmente, temos também as soluções e/ou ferramentas necessárias que estes problemas merecem também, podemos então resistir à onda e a euforia da nossa época e ver que, com efeito, nós temos os corpos que merecemos também, seguindo esta lógica deleuziana a respeito do problema. Com efeito disto podemos observar numa época onde a prevalência é das identidades supra-pessoais e individualizantes onde há o discurso de livre escolha, isto é, desde que

a condição seja “de que este gosto coincida com o de todos” (Deleuze, 1968/1988, p. 153), e dos horários flexíveis e dos desenhos arquitetônicos modulares, em que literalmente "o tudo se encaixa com o todo", é uma ingenuidade pensar que o corpo, o nosso corpo, tenha escapado desta lógica analítica que separa e estrangula, decapita, partes do corpo por todos os lugares (para interconectá-los depois, é claro). O que mais bem me parece disto, é que o corpo mesmo tem sido convertido num dócil portador de toda uma nova, expansiva e epidêmica tendência para ser triturado, como nos desenhos arquitetônicos modulares, como os nossos horários flexíveis, como os aplicativos do nosso smartphone, etc.

Dando seguimento a esta cartografia, assistamos agora a toda uma reestruturação do corpo, suas estratégias e modalidades. A publicidade, que é um bom exemplo e quem mais bem faz isto, em suas mais variadas formas como jornais, revistas, propagandas, comerciais e etc., como também as novas ciências da imagem (TV, cinema, internet, outdoors etc.) que utilizam o corpo como o principal modelo de reivindicação de todos os seus tipos de produtos, serviços e atividades. O corpo, agora jaz, um espetáculo. O corpo, agora jaz, uma estratégia de marketing. Como também, este corpo que agora se tornou produto explícito das operações de dermoestética e das academias de ginástica, que analisam o corpo em partes, sempre em partes, de forma estratificada, para poder "potencializar", aumentar, diminuir ou intercambiar este corpo, agora, estratificado. Técnicas/exercícios para hipertrofia de bíceps, tríceps, glúteos... Aumentar aqui e ali. Diminuir aqui e ‘aculá’...

Alguém poderia pensar que este novo e superficial culto somático (estratificado, é claro) testa a superação de velhos prejuízos metafísicos. Para esta visão um tanto quanto otimista, estaríamos antes de uma efetiva inversão sobre o platonismo e todas as visões que consideravam o homem como um ente especial que o seu custo maior era de deixar precisamente o corpo pelo caminho, caminho este que era seguido por ascetes, repressões sociais e/ou religiosas (em efeito, quanto maior, especial e irreduzível era o espírito, mais custava para "encaixá-lo" em uma corporeidade que foi reduzida a recipiente de espírito, sempre transbordante, insuficiente e prescindível, consumido pelo pecado). Deixando de lado este otimismo, no entanto, parece mais favorável pensar o corpo de nosso tempo como uma realização paroxística desta lógica arquitetônica que rege e governa com mão de ferro e que, introjeta no inconsciente social o slogan da flexibilidade ou da livre circulação (a exemplo, podemos citar fórmulas tidas como “revolucionárias” tal como ready-made (corrente artística que eleva objetos, antes

industrializados, a peças de arte), self-service (estratégia econômica, onde o próprio cliente, coloca-se na posição de empregado, fornecendo a si próprio os produtos/serviços de determinada empresa), plug-and-play (conectar e usar)... Tornando-o assim objeto de uma política que somente o submete a converter este corpo em um "ente, entre, entes", se não, de forma mais específica, em um "módulo entre módulos", "estratos entre estratos", "peças entre peças", etc.

De algum modo, o corpo humano tem se visto arrastado por esta epidêmica mentalidade de valores mobiliários, modulares, que "corta" a matéria dividindo-a em peças modulares menores capazes de se combinar e se intercambiar entre si, encaixando-se umas com as outras e com o máximo de flexibilidade possível (essa é a exigência, a de já vir intrínseca ao produto, inclusive na produção deste produto, isto é, a reprodução deste modelo reestruturizante). Móveis, restaurantes de comida rápida, ordenadores, como também empregos, horários e casas se regem por esta lógica modular e compartimentada em que sempre é possível 'adicionar mais um acessório' e levar a cabo uma 'nova atividade', uma 'nova função'. Estamos gradualmente sendo esquarterados por todos os lugares: voos com escalas e conexões, menus com pratos adicionais, layouts de imprensa feita e organizada por seções e artigos divididos em blocos, módulos, catálogos divididos por moda, estação, idade, etc. Grades universitárias com créditos optativos e de "livres configurações", bolsas sanduiches, videogames, smartphones com 'lojas' onde é possível baixar inúmeros outros aplicativos, sempre dando mais uma função plug-and-play ao smartphone. Teto solar, pintura metalizada, pneus de corrida para nosso carro novo. Curso de idiomas que garante nossa formação, pois "nenhum bom currículo, está completo", como bem sabem os gurus em recursos humanos e psicólogos que arquitetam as entrevistas de trabalho a procura de um currículo perfeito que não existe. E os corpos como bem sabem, também não está livre desta lógica trituradora: transplantes de órgãos, lista de espera para um rim, substituição de um nariz, dentes, lábios, seios novos; potencialização analítica/modular de músculos em academia. Sem aviso prévio nossos corpos são convertidos a um quebra-cabeça, ou qualquer outro objeto de entretenimento que seja montável e, claro, desmontável, sendo possível reconectar frente a novas exigências. O que parece ter acontecido é se tornando impossível, precisamente, pensar numa vida íntegra ou num 'corpo sem órgãos'.

Não é possível separar o corpo da política. Toda pergunta acerca do corpo acaba podendo ser respondida acerca dos dispositivos de poder e saber, e se nosso trabalho é

perguntar-nos sobre qual é o tipo de corpo temos méritos em nosso mundo atual, é quase impossível fazer ouvidos surdos ao que Michel Foucault (1926-1984) tem a dizer a respeito. Para Foucault, o poder, diz Roberto Machado:

(...) intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder (1985/2012, p. XII).

Revelando-nos assim, a Microfísica do poder, isto é, que o poder se exerce, se pratica, explicitamente sobre o corpo, o foco é sobre a corporeidade do indivíduo. Este micropoder atua sobre o corpo por meio de exercícios de adestramento, e agora de decomposição, sob os discursos de verdade, efeitos de verdade. Em concreto, há uma passagem no livro *Vigiar e Punir* (1996) do Michel Foucault que segue provocando, ressonando uma respiração mais vivida do que nunca em nossos tempos:

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. [...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia [...] pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e, no entanto continuar a ser de ordem física. [...] esse controle constitui o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo (1975/1996, pp. 24-25).

Tecnologia política do corpo e microfísica do poder que na atualidade seguem formatando um corpo clínico, dividido mais do que nunca em órgãos; órgãos estes que se tornam susceptíveis de serem tomados como objeto de todo um conjunto de ciências que se localizam desde o final do século XVIII, nos hospitais, prisões e universidades, porém também, hoje, e de forma ainda mais específica, em academias, centros dermoestéticos e esferas da “tecnologia” como o marketing e a publicidade. Viabilizando-se assim como procedimentos técnicos de poder “que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos” (Foucault, 1975/1996, p. XII). O resultado seria um corpo para/em expansão

perpétua, conquista suprema de uma época cujo seu castigo é a sua qualidade de ser oblíquo, lacunoso.

Pegando o fio, inevitavelmente, da frase de Deleuze e Bergson citada no início do texto, podemos pensar e afirmar que também, que cada corpo tem para si, a sexualidade que merece. E continuando com o raciocínio anterior, discutiremos: Qual é o discurso oficial do sexo, num mundo onde a lógica do corte e da multiconexão prevalece? Podemos tomar a pornografia como exemplo, pois ela nos dá uma bela imagem disto: um sexo estratificado, produzindo corpos descompostos, desarranjados, dividido e re-encaixado entre módulos. Por que se bem analisarmos, ou apenas nos atermos a observarmos rapidamente, os signos que permeiam o cinema pornográfico, não mostra a decomposição, ruptura, estratificação do corpo humano, sobretudo, em seus órgãos sexuais (geralmente, isto é, em maior medida, no sexo da mulher), uma explosiva mudança de plano? Não são as entregas de um gênero desarranjado, que num trabalho de massacre visual, um espectador assiste balbuciante? É possível.

Quando nos remetemos a falar de sexo e, sobretudo de pornografia, é bastante difícil passar sobre o assunto sem falar algo que seja a respeito da prostituição, pois os dois temas são bastante fronteiriços. Essa ideia que percorre atualmente, já habituada normalmente em vários países da Europa e aos poucos mais fortemente no Brasil, que é, concretamente esse intento de legalizar e regulamentar a prostituição é atribuída a um verdadeiro paralogismo de mercado, onde o corpo se converte prontamente em uma valiosa propriedade de um sujeito que o aluga para ter em um ato, a grosso modo, de liberdade suprema. E se supõe ainda que isto é uma volta, ou revitalização de um corpo perdido? Ora, ornamentá-lo para fazê-lo circular em um mercado que reduz seu valor de troca? Pelo que pude perceber a regulamentação da prostituição normalmente vem acompanhada de uma leitura, digamos que infantil, que remonta a um pesadelo filosófico da obra de Marx, resultando assim num corpo-produto, onde “adultos” conseguem ou obtêm a liberdade e o prazer deste, num sentido grosseiro, e a prévio pagamento de uma quantidade estipulada, pois até mesmo este corpo-produto, está transpassado por uma política, isto é, uma inscrição social: é preferível não beijar na boca, não gozar, usar camisinhas, pagar antes do serviço, etc., conforme Passini (2005).

Tal se é entendido a prostituição hoje, segundo o discurso que permeia o meio jurídico, por onde perpassa os debates a respeito de sua legalização, a/o prostituta(o) é aquele que pode livremente dispor de seu corpo como patrimônio e aluga-lo como um mercadoria, do qual este, pode obter um lucro, possível até de se fazer um balanço no

final do mês... Assim, seu corpo-patrimônio é sempre um corpo-roubado, corpo-cadáver, sempre pronto para circular.

Deleuze a respeito do olhar do genealogista, em seu livro *Nietzsche e a Filosofia* ele nos referencia o filósofo dedicado a esta obra, onde ele afirma que "Em todas as coisas só os graus superiores importam (Deleuze, 1976, p.6)" denunciando assim que são nestas formas superiores, muitas vezes isoladas ou marginais, de onde se podem apreciar com nitidez as linhas de fuga e seu desenvolvimento, suas tendências adormecidas ou pontos focais que aponta para o presente. O próprio Nietzsche costumava dizer que os lugares mais aptos para o pensamento estavam nas zonas tropicais, distante dos climas moderados próprios dos sacerdotes, lugar onde se encontram das mais variadas máscaras ascéticas, onde Deleuze assertivamente nos denuncia mais uma vez que: "Os lugares do pensamento são as zonas tropicais, frequentadas pelo homem tropical" (Nietzsche, 1886/2011, pp. 126-127). Claramente, as zonas de contágios, propícias para todo tipo de violência que promove, segue o canal, com o pensamento. São nas zonas tropicais também onde se encontra das mais variadas e belas ervas daninhas:

Entre todas as existências imaginárias que nós atribuímos às plantas, aos animais e às estrelas, é talvez a erva daninha aquela que leva a vida mais sábia (...) A única saída é a erva (...). A flor é bela, o repolho útil, a papoula enlouquece. Mas a erva é transbordamento, ela é uma lição de moral (Deleuze & Guattari, 1995, Pp. 39-40).

Podemos afirmar também que certamente é nas zonas tropicais onde a ética-estética da prostituição alcança algumas de suas cotas mais elevadas enquanto impunidade e desenvolvimento, a erva daninha milleriana correndo solta pela cidade, não é necessário ir tão longe para percebermos isso, mas salvo aqui, tomemos como exemplo a Holanda, que é aonde encontramos o máximo expoente desta visão corpórea, ou grosso modo, canibalesca; fábrica dos corpos-produto. Seguindo o método do genealogista, denunciado por Nietzsche e Deleuze, podemos propor aqui a tarefa de pensar o "Bairro da Luz Vermelha", mais conhecido como De Wallen, famoso por ser um bairro de Amsterdã destacado por ser uma zona de meretrício, pensar então como uma zona tropical de um dispositivo de vigilância e controle dos corpos que parece coincidir, ponto por ponto, linha por linha, com algumas das páginas mais intensas do livro *Vigiar e Punir* de Michel Foucault (1926-1984). Porém, o que me é estranho é que

Foucault, mesmo na edição francesa, não escolhe uma foto do De Wallen para por na capa de seu livro. Desde o século XIII, milhares de turistas visitam diariamente esta esperta estratégia do dispositivo panóptico adaptado ao comércio de corpos-produto.

O De Wallen consiste basicamente em um pequeno espaço (onde lembra muito bem uma cela) que é previamente decorada e dividida analiticamente de forma modular, em compartimentos (outro nome conhecido para o Bairro da Luz Vermelha é *Wallejtes* que significa “pequenos muros”, a curiosidade). Quebrando, decompondo, para este modelo de reestruturação, o que inicialmente era uma multiplicidade humana em sujeitos individuados, assentados sobre a representação, separados em cubículos, com base em seus corpos sexuados.

Seguindo o caráter panóptico destas caixas/celas onde ficam as prostitutas, o turista sexual faz o papel de vigilante num cárcere panóptico em que as prostitutas ocupam o lugar dos detentos, sujeitas a observações permanentes e com seus corpos analisados clinicamente a todos os momentos, com seus órgãos sexuais claramente e distintivamente delimitados. Dizia Foucault a propósito da arquitetura panóptica que:

Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. (Foucault, 1975/1996. Pp. 168).

O De Wallen é, desde logo, uma máquina: máquina de produzir corpos sexuados e submetidos; presos e encarcerados, que se faz de isca para novos corpos que vem a serviço, para vigiar e analisar, clinicamente, é claro. Máquina cujo domínio é como o panóptico Foucaultiano:

“Seu campo é ao contrário toda aquela região de baixo, a dos corpos irregulares, com seus detalhes, seus movimentos múltiplos, suas forças heterogêneas, suas relações espaciais”. (Foucault, 1975/1996, p. 172).

E cujo trabalho é fazer com que os corpos entrem em uma maquinaria e as suas forças em uma economia, que o próprio modelo panóptico impõe. Economia de forças, isto é, uma tendência (que é possível rastrear por todos os lugares), em que o sexo se converte numa idônea isca para fisgar o corpo a essa engrenagem que corta, o rouba, esquarteja, decompõe, oferecendo em benefício identidades sexuais discretas e

cumplices no plano da representação. A respeito disso, no campo das subjetividades Suely Rolnik (1996), comenta que:

Personagens que tendem a viver confinados no plano da representação, como se só existisse o que o olho alcança, insensíveis às forças e, conseqüentemente, às diferenças que suas composições engendram. (...) Há uma glamourização destas supostas figuras estáveis e donas de si, especialmente insuflada pela mídia, e que produz miragens de eternos vencedores. (pp. 118).

A decomposição corporal opera limites tanto no corpo, como no desejo. Ainda a respeito disso Foucault acrescenta:

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; [...] que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce. (Foucault, 1975/1996. p.167).

É possível que Foucault tenha explicado como ninguém o mecanismo de subjugação dos corpos e as forças das máquinas e economias. Mas apesar de que a filosofia tenha de certa forma, padecido de uma agudíssima hipermetropia, e que unicamente Spinoza e Nietzsche tenham revolucionado bravamente os limites do demasiado pequeno para o pensamento, esse terreno microfísico o qual os literatos e os poetas há tantos séculos espreitava. Apesar também de que até Deleuze, esse discurso se contaminava timidamente, sempre expressada de forma a submeter-se a algo, para dar um lugar a um discurso de criatividade renovada que a filosofia não havia explorado antes. E o resultado do qual é impossível não citar aqui, é uma das passagens mais edificantes e intensivas do próprio Deleuze com seu amigo Félix Guattari, uma autêntica "Genealogia da Sexualidade", a respeito do momento crucial em que os corpos são roubados, momento ao que também vamos enviar-nos justamente para ir 'em busca do corpo pedido', vide a intensidade do Mil Platôs IV:

É que a questão não é, ou não é apenas, a do organismo, da história e do sujeito de enunciação que opõem o masculino e o feminino nas grandes máquinas duais. A questão é primeiro a do corpo — o corpo que nos roubam

para fabricar organismos oponíveis. Ora, é à menina, primeiro, que se rouba esse corpo: pare de se comportar assim, você não é mais uma menininha, você não é um moleque, etc. É à menina, primeiro, que se rouba seu devir para impor-lhe uma história, ou uma pré-história. A vez do menino vem em seguida, mas é lhe mostrando o exemplo da menina, indicando-lhe a menina como objeto de seu desejo, que fabricamos para ele, por sua vez, um organismo oposto, uma história dominante. (Deleuze & Guattari, 1995, pp. 60)

Podemos observar até aqui, o início dessa pré-história que é instituída, a fim de colonizar o corpo, onde outrora, pleno. Iniciam-se as primeiras organizações, as primeiras oposições, estratificações. Oposição, partes, o devir-outro entra rapidamente em estado proibitivo. Deleuze & Guattari (1995) ainda nos diz:

A menina é a primeira vítima, mas ela deve também servir de exemplo e de cilada. É por isso que, inversamente, a reconstrução do corpo como Corpo sem órgãos, o anorganismo do corpo, é inseparável de um devir-mulher ou da produção de uma mulher molecular. Sem dúvida, a moça torna-se mulher, no sentido orgânico ou molar. Mas, inversamente, o devir-mulher ou a mulher molecular são a própria moça. A moça certamente não se define por sua virgindade, mas por uma relação de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, por uma combinação de átomos, uma emissão de partículas: hecceidade. (1995, p. 60).

Eis a parte mais intensiva deste seguimento, nesta genealogia, onde os autores, dão-no a ideia de um possível devir-mulher, devir-molecular, devir-intensividade. Devir que contraria toda a organização, estratificação do corpo. A redução dual-objeto-estrato, nada define. O que define é a velocidade, capacidade de afetação. O que pode o corpo. Não a capacidade de conectar, obstruir, dividir, decompor. Um corpo decomposto, nada pode. Um corpo decomposto, obstruído, nada afeta, sem que esteja antes conectado, reestruturado frente a organização que lhe impõe. Regidos pela lógica da falta, onde sempre me falta um corpo melhor, um corpo “aquele”, um corpo “não esse”, o devir-molecular se escapa, perde potência. A velocidade devir-molecular, devir-mulher, continua Deleuze & Guattari:

Ela não para de correr num corpo sem órgãos. Ela é linha abstrata ou linha de fuga. Por isso as moças não pertencem a uma idade, a um sexo, a uma ordem ou a um reino: elas antes deslizam entre as ordens, entre os atos, as idades, os sexos; elas produzem n sexos moleculares na linha de fuga, em relação às máquinas duais que elas atravessam de fora a fora. A única maneira de sair dos dualismos, estar-entre, passar entre, intermezzo, é o que Virgínia Woolf viveu com todas suas forças, em toda sua obra, não parando de devir (Deleuze & Guattari, 1995, p. 60).

O que se propõe aqui, não é evidentemente, promover um retorno ao puritanismo que anematizou o corpo, nosso intento está muito longe disso. Sabemos, desde o longo e denso trabalho de Foucault que a modernidade é fruto de um projeto ilustrado que sustenta seu discurso sobre a verdade da dignidade humana numa linha de ferro e uma estratégia microfísica do poder, esta máquina incansável, infatigável de produzir corpos dóceis e disciplinados que se convertiam em um “pasto” ou mesmo um “campo” para as chamadas ciências humanas, produzindo assim um saber e concomitantemente, um poder. E da mesma forma, que o objeto resultante das ciências clínicas e positivas era a “alma” do sujeito, podemos pensar que agora há inversamente este investimento sobre o nosso corpo, o modo de fazer um corpo, objeto de uma política que se opera por intercâmbios, conexões e compartimentos. Mas que nada do que há de escrito, tanto aqui, como na bibliografia seja levado a engano: só um corpo que se quer submeter, que sempre foi disciplinado, poderia ser dócil o suficiente para ser esse “campo/pasto” e para as novas ciências do saber que brotam dia-a-dia com tal pretensão. Corpos clínicos, ou até mesmo empregando a terminologia de Deleuze: corpos previamente "roubados". Deleuze numa entrevista com Foucault nos dá um breve diagnóstico a respeito:

É preciso ouvir a exclamação de Reich: não, as massas não foram enganadas, em determinado momento, elas efetivamente desejaram o fascismo! Há investimentos de desejo que modelam o poder e o difundem (...). É a natureza dos investimentos de desejo em relação a um corpo social que explica por que partidos ou sindicatos, que teriam ou deveriam ter investimentos revolucionários em nome dos interesses de classe, podem ter investimento reformistas ou perfeitamente reacionário ao nível do desejo (1985/2012, pp. 45).

Há um investimento político até mesmo em moléculas tênues e intensivas como o desejo. Como pudemos ver juntos aqui, o tema da sexualidade hoje, pode ser respondida em termos de uma simples álgebra numérica, onde o corpo, agora em partes, se é possível fazer quadrados numéricos, matrizes, e etc. Sempre priorizando o pênis, a vagina, a bunda, o seio... Sempre possível de ser feita uma análise combinatória das partes. É justo aqui onde plantamos, fazemos outro rizoma, numa outra e possível pergunta que julgo ser muito interessante: O que haveria de pensar hoje a respeito do tédio que repercute nesse culto somático/somatório e combinatório do corpo? Como e quando será possível, uma busca, uma genealogia deste corpo íntegro, que nos foi previamente roubado? Corpo anorgânico e maquinico, em que as forças ainda não estão sendo submetida uma economia, a uma deformação, a um roubo e que paira como se estivesse em um perfeito plano em equilíbrio. Podemos pensar então, que uma verdadeira volta ou revitalização do corpo, onde se há “invertido o platonismo”, consistiria justamente em ser capazes de levar nosso corpo a um momento anterior, a este roubo, o que seria sem dúvida uma cansável, mas gloriosa *recherche*; Deixando de lado as grandes máquinas binárias: um regresso ao corpo da moça. Esse parece ser um trabalho para a filosofia de nossos dias, filosofia que, não obstante, teria que proceder marcadamente contra o espírito da época, causando assim suas microevoluções, militando-se de seus excessos e sua estupidez. E, se bem pensarmos, a filosofia não serve justamente para isso?

A tolice e a bizzarria por maiores que sejam, seriam ainda maiores se não subsistisse um pouco de filosofia que as impedisse, em cada época, de ir tão longe quanto desejariam, que lhe proibisse, mesmo que fosse por ouvir-dizer, de serem tão tola e tão baixa quanto cada uma desejaria por sua conta. Alguns excessos lhe são proibidos, mas quem lhes proíbe a não ser a filosofia? [...] É verdade, diz Nietzsche, que os filósofos de hoje tornaram-se cometas (Deleuze, 1976, pp. 116).

Chegamos a um corpo onde álgebras, matrizes, territórios, estratificações, módulos, sistemas arquitetônicos, peças de quebra-cabeça interconectáveis, tudo isto, é hoje, inerente ao corpo, e logo, de costas para a vida. Esta cartografia, pausa por aqui, pretendendo provocar gagueiras intermináveis, e incessantes. Talvez seja o momento, onde possamos colocar nossos olhos sob o outro lado da balança, e enxergar a emergência deste corpo que é construído socialmente, politicamente. Espreita que há

muito tempo se vem comentando, e infelizmente, paradoxalmente, vamos aos poucos, nos degradando.

Referências

- Bergson, H. (1970). *Œuvres*, Paris, PUF.
- Deleuze, G. (1968/1988). *Diferença e repetição*; tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, G. (1976). *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio.
- Deleuze & Guattari. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze & Guattari. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 2. São Paulo: Ed. 34.
- Foucault. (1996). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 14. ed. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (1985/2012). *Microfísica do poder*. 5.ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Nietzsche, F. (1986/2011). *Além do bem e do mal - Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 21*. São Paulo, Editora Escala.
- Paisini, E. (2005). *Prostituição e a liberdade do corpo*. Disponível em: <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/Elisiane.pdf>
- Roque, T. (2006). *Sobre a Noção de Problema*. Rio de Janeiro, UFRJ, Lugar Comum. N. 23-24 – p. 135-146.
- Rolnik, S. (1996). *Guerra dos gêneros & guerra aos gêneros*. *Estudos feministas*, 4(1), 118.

Submetido em 2016-01-05

Aceito em 2016-08-03